



Lutar contra a subversão e mutilação da Constituição é um dever de todos os portugueses

Em 25 de Abril de 1975 realizaram-se as primeiras eleições livres no Portugal democrático para eleger a Assembleia Constituinte. Votaram livremente 91,6 por cento dos cidadãos eleitores.

O mandato legitimou os deputados constituintes de forma inequívoca e concludente: foi uma grande vitória do Portugal de Abril! Logo no dia 2 de Junho tem início a sessão inaugural da Assembleia Constituinte.

A 2 de Abril de 1976, a Constituição foi aprovada por 235 dos 250 deputados eleitos. Apenas 15 votos contra, do CDS.

Mas, de imediato, ocorreu um outro momento transcendente e de superior significado: a Constituição foi logo ali promulgada pelo Presidente da República, General Costa Gomes, não na Presidência da República, no Palácio de Belém, como seria normal, mas antes no Palácio de São Bento, na Assembleia Constituinte, perante os deputados e imediatamente após a terem aprovado.

Como é público, a Constituição de Abril tem vindo a sofrer golpes com as sucessivas revisões, mas por ação das forças políticas e sociais progressistas e do sentimento de pertença dos trabalhadores e do povo, a Constituição resiste e, passados 50 anos da sua aprovação, conserva ainda o mesmo sentido geral de progresso, o mesmo amor à liberdade e à democracia, a mesma dignidade dos direitos sociais, a inscrição de princípios progressistas de uma democracia avançada.

Entretanto, novos e graves perigos ameaçam a Constituição da República Portuguesa. A direita e a extrema-direita encaminham-se para uma nova e sempre velha machadada à CRP. Como é sabido, foi anunciada pela Iniciativa Liberal e pelo Chega a abertura do processo de revisão constitucional, aproveitando a grave alteração do quadro parlamentar.

Com os perigosos ataques à democracia e aos direitos dos trabalhadores e os conluios e acordos dos bastidores entre várias forças políticas, antevê-se um combate muito duro.

É sua opção de classe mutilar e subverter a Constituição em áreas tão estruturantes como o direito ao trabalho e ao trabalho com direitos, a segurança no emprego, a liberdade sindical, a contratação colectiva, o direito à greve; o direito à Segurança Social pública e universal, a protecção dos cidadãos na doença, na velhice, na invalidez, na viuvez, no desemprego; o direito à protecção da saúde, através do Serviço Nacional de Saúde universal, geral e tendencialmente gratuito. A estes somam-se muitos outros direitos que poderiam ser referidos.

Os trabalhadores, o povo, os democratas, os patriotas, hoje, têm o dever e a obrigação de juntar vontades e forças na defesa da Constituição e na exigência do seu respeito e cumprimento. A URAP, como sempre, dará o seu contributo e vai empenhar-se neste combate que se avizinha.

Cumpra-se a Constituição!

José Manuel Maia
Deputado Constituinte

Mobilização popular por um Museu da Resistência no Porto

Uma grande manifestação no Porto a 9 de Maio deu expressão pública à exigência de criação de um Museu da Resistência na cidade, nas antigas instalações da PIDE - Págs. 12 e 13

50 anos da URAP e nova sede

- Págs. 16 e 17

Celebrou-se em todo o País os 52 anos de Abril e os 50 da Constituição

- Págs. 6, 7, 10 e 11



Escrever a história para que não se apague

A actividade editorial da URAP tem sido uma constante na organização, que dedica muita da sua acção à recolha e compilação de elementos e à elaboração dos livros e Cadernos que publica. A importância de deixar escrito, para memória futura, a história e a luta da resistência ao fascismo, das cadeias, dos presos políticos, das condições de vida, da guerra colonial, é uma tarefa fundamental para a URAP.

O livro “1976-2026 – Afirmar, Defender e Cumprir a Constituição”, segundo volume da colecção “Cadernos da URAP”, insere-se nas celebrações dos 50 anos da Constituição da República Portuguesa (CRP). Para a elaboração do livro, a URAP pediu textos a vários democratas – Alberto Arons de Carvalho, António Cluny, António Filipe, Bruno Dias, João Rodrigues, José Manuel Maia, José Pedro Baranita, José Pedro Soares, M. Simões Teles, Pedro Pizarat Correia, Sofia Lisboa e Viriato Soromenho Marques – que foram unânimes em considerar que a CRP foi uma das mais importantes conquistas da Revolução de Abril. O livro foi apresentado a 18 de Abril no Átrio do Cineteatro da Academia Almadense, em **Almada**, e a 6 de Junho na Feira do Livro de **Lisboa** por José Pedro Soares, coordenador da URAP e deputado constituinte.

Em **Santarém**, foi apresentado a 11 de Abril no Centro Cultural Regional de Santarém o livro “Resistência Antifascista em Santarém (1926-1974). Uma homenagem aos que lutaram pela liberdade e um estudo de história contemporânea de Santarém”, uma publicação editada pela URAP. Inserida nas Comemorações Populares do 25 de Abril, a sessão contou com o apoio do município. A obra, que narra episódios da luta contra a ditadura, incluindo o percurso de presos políticos oriundos de várias localidades do concelho – urbano e rural –, é da autoria de Jaime Fernandes e Jorge Custódio, com coordenação de João Luiz Madeira Lopes, presidente da Assembleia Geral da URAP, e resulta de um trabalho de investigação baseado em diversas fontes, nomeadamente na memória local da resistência antifascista.



A ser apresentado continua o livro “Cadeia de Caxias, a repressão fascista e a luta pela liberdade”. Em **Évora**, a apresentação ocorreu no dia 3 de Maio, na Biblioteca Pública de Évora, por Carlos Mateus, do Conselho Directivo da URAP, numa sessão promovida pelo núcleo de Évora, com a colaboração da Câmara Municipal, que contou com a presença da responsável pelo Departamento de Cultura, Helena Ferro. Integrada na Feira do Livro de Évora, a sessão foi presidida por Pedro Costa, do núcleo da URAP de Évora. Silvina Miranda, filha de Dinis Miranda, ex-presos político e antigo dirigente do PCP, fez uma intervenção na qual contou episódios da vida familiar. A mesma obra deu pretexto a uma sessão em **Avis**, a 31 de Maio, com a apresentação a cargo de Inês Fonseca, do Conselho Nacional, Helena Neves, do núcleo de Avis, e Diogo Júlio, do núcleo de Portalegre.

Em **Águeda**, o coordenador da URAP, José Pedro Soares, apresentou, dia 11 de Abril, na Biblioteca Municipal Manuel Alegre, os livros “Elas estiveram nas prisões do fascismo” e “Cadeia de Caxias: a repressão fascista e a luta pela liberdade”, numa sessão na qual participaram dezenas de pessoas.

URAP divulga livro sobre cadeia do Forte de Peniche, de Rosalina Carmona

No **Barreiro**, integrado nas comemorações dos 50 anos da criação da URAP, o livro “A Cadeia do Forte de Peniche”, de Ro-

salina Carmona, uma edição do Museu Nacional Resistência e Liberdade, de Peniche, foi apresentado, dia 9 de Maio, na Cooperativa Cultural Popular Barreirense. Na sessão, organizada pelo núcleo da URAP do Barreiro, estiveram presentes Carlos Mateus e Júlio Dantas, respectivamente do Conselho Directivo e do Conselho Nacional da URAP, Aida Rechená, directora do museu, e a autora, licenciada em História, que trabalha na Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC)/Ministério da Cultura no projecto de instalação do Museu Nacional Resistência e Liberdade (MNRL), Fortaleza de Peniche, e na investigação sobre a Cadeia do Forte de Peniche.

Os oradores relataram que estiveram encarcerados no forte mais de 2600 presos políticos que sofreram torturas físicas e psi-

cológicas, espancamentos, vigilância constante, incluindo em situações de intimidade, censura da correspondência, falta total de liberdade, imposição de uma disciplina militar duríssima, tratamento vexatório e punitivo aplicado por guardas carcerários cruéis e desumanos, ao serviço da PIDE e do regime fascista.

Rosalina Carmona, que participou em co-autoria na exposição e catálogo “Por teu livre Pensamento”, patente no Forte de Peniche entre 25 e 27 de Abril de 2019, e que foi responsável pela investigação, selecção documental, fotográfica e produção de conteúdos da Exposição “O Regresso das Bandeiras” no Espaço Memória, em parceria com o Arquivo Nacional/Torre do Tombo e edição e reedição do Catálogo “O Regresso das Bandeiras”, é autora de vasta obra literária sobre o Barreiro.



URAP

URAP

Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**

REDACTORA **LUÍSA TITO DE MORAIS**

PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

**RUA DA BENEFICÊNCIA Nº 239-A, 1600-019 LISBOA •
TELEFONE 213 576 083**

DEPOSITO LEGAL: 357338/18

URAP comemora 81 anos da Vitória sobre o nazi-fascismo

A URAP comemorou a 9 de Maio o Dia da Vitória sobre o nazi-fascismo numa sessão promovida pelo núcleo de Algueirão/Mem Martins no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários. O orador convidado foi o professor Jorge Cadima, que falou das causas que deram origem à II Guerra Mundial, nomeadamente a crise do sistema capitalista e imperialista e a resposta dos regimes fascistas no Japão, em Itália, na Alemanha: a invasão da China, o rearmamento alemão, a guerra civil de Espanha, a divisão e ocupação da Checoslováquia, primeiro, e de quase toda a Europa, depois.

Perante cerca de 70 participantes, o orador mencionou o papel decisivo da União Soviética na vitória, à custa de mais de 20 milhões de mortos. Em seguida, referiu as campanhas em curso em Portugal



e no mundo para falsificar a história e branquear o fascismo.

Após a sua exposição, vários participantes fizeram perguntas, nomeadamente sobre política internacional, as guerras que grassam hoje pelo mundo e a prepotência dos EUA e de Israel na Palestina e no Irão, à revelia de todas as resoluções da ONU e do direito internacional.

A mesa que moderou a sessão era constituída por César Roussado, do

Conselho Directivo, e Gabriela Pedroso, do núcleo de Algueirão/Mem Martins.

À entrada do salão encontrava-se uma banca com diversas publicações, entre as quais o Caderno da URAP denominado “Nos 50 anos da Vitória sobre o Nazi-fascismo”.

Na sessão, actuaram o grupo coral “Os amigos do Cante de Algueirão/Mem Martins” e o “Grupo de Abril”.

FIR: «Lembrar as vítimas, honrar os libertadores»

A Federação Internacional de Resistentes, que a URAP integra, emitiu uma declaração a propósito do Dia da Vitória, onde denuncia as tentativas de criminalização dos símbolos soviéticos nas comemorações da data, em Berlim, e valoriza o facto de a «memória colectiva dos povos» não se submeter aos ditames políticos daqueles que detêm o poder. «Para a FIR e suas organizações filiadas, permanece o seguinte: 8 de Maio de 1945 foi o “alvorecer da humanidade” (...) A rendição incondicional foi apenas a expressão visível da luta heroica dos povos pela sua libertação, dos grandes sacrifícios de sangue que as unidades militares das Forças Armadas Soviéticas, em particular, tiveram de fazer durante o seu avanço sobre a capital do Reich, Berlim».

Para a FIR, «não se trata apenas de lembrar as vítimas, mas também de honrar os libertadores».

Câmara de Grândola firma protocolo com a URAP

O coordenador da URAP, José Pedro Soares, e Edgar Costa, do Conselho Directivo, firmaram, dia 9 de Abril, em Grândola, um protocolo de colaboração com a Câmara Municipal, numa cerimónia realizada no Cineteatro Grandolense.

Na sessão, que contou com a presença do presidente da Câmara Municipal de Grândola, Luís Vital Alexandre, a edilidade assinou igualmente protocolos com outras associações culturais, recreativas e juvenis do município de Grândola.

Do protocolo assinado com a URAP destaca-se o apoio do município ao trabalho de investigação levado a cabo pela URAP e ainda o apoio para o desenvolvimento de várias iniciativas de âmbito histórico/cultural.

Estava marcado para 21 de Junho, já após o fecho desta edição, um grande almoço convívio no concelho (mais precisamente em Canal Caveira), com a presença de ex-presos políticos e antifascistas.

Almoço da Primavera reúne amigos da URAP do Seixal



O almoço anual da Primavera, organizado pelo núcleo da URAP do concelho do Seixal, decorreu no dia 24 de Maio no Clube Recreativo e Desportivo das Paivas, e contou com a presença de José Pedro Soares, coordenador da URAP, e de Bento Brázio Romeiro, presidente da Assembleia Municipal do Seixal. Participaram cerca de 120 pessoas, foi aberto a todos os antifascistas dispostos a defenderem a democracia e os valores de Abril. No final do almoço, seguiu-se um momento cultural com o Coro Operário Alentejano das Paivas, e canções de resistência interpretadas por alguns sócios e amigos.

URAP nas escolas a valorizar a resistência e a Revolução

Como habitualmente sucede, a URAP voltou este ano a promover dezenas de sessões em várias escolas do País, onde denunciou o fascismo e valorizou a resistência e a Revolução. Estiveram presentes professores e milhares alunos de vários níveis de ensino.

Álvaro Pato, ex-presos político e vice-presidente do Conselho Fiscal, participou, dia 6 de Maio de 2026, em duas sessões na Escola Josefa de Óbidos, em **Lisboa**. Descreveu a situação dos presos políticos, as torturas a que eram sujeitos e as condições prisionais, narrando igualmente a libertação dos presos, na sequência da Revolução, a partir das zero horas de 27 de Abril de 1974.

A Escola António Feijó, em **Ponte de Lima**, assinalou as comemorações do 25 de Abril com um conjunto diversificado de iniciativas que envolveram alunos, professores e comunidade educativa, num programa centrado na valorização da democracia e da memória histórica. Entre os dias 22 e 29 de Abril, esteve patente na Biblioteca Escolar a exposição “50 anos da Constituição de 1976”, com trabalhos realizados pelas turmas do 9.º ano no âmbito da disciplina de História. No dia 23, o programa incluiu a apresentação do projecto “Repositório Digital da Guerra Colonial”, com a exibição de um vídeo que reúne entrevistas a ex-combatentes, e um colóquio com a presença do ex-presos político Clemente Alves, do Conselho Nacional. As comemorações culminaram no dia 24 com a iniciativa “Reviver Abril – Canções Velhas e Novas”, dinamizada pelo professor João Carlos Velho, no auditório da escola.

Maria José Ribeiro, ex-presos política e do Conselho Nacional, interveio numa sessão na Escola Secundária de Almeida Garrett, em **Vila Nova de Gaia**, dia 21 de Abril, para alunos do 11.º e do 12.º anos. Maria José Ribeiro falou da sua prisão pela PIDE e de como era a vida no tempo do fascismo e ainda sobre a Revolta dos Marinheiros em que o seu pai participou e, por isso, passou 16 anos no Campo de Concentração do Tarrafal.

Na Escola Secundária Alexandre Herculano, no **Porto**, realizaram-se duas sessões a 5 de Março com exibição do filme de João Lopes “A voz das Camaradas”, uma das quais contou com a presença de Faustina Barradas, uma das protagonistas do filme. A 30 de Maio, na EB1,2 Rocha Peixoto, na **Póvoa de Varzim**, houve uma sessão com Domingos Oliveira e Benilde Viana.

Naquela semana, esteve patente nessa escola a exposição da URAP relativa à Revolução de Abril. João Luiz Madeira Lopes, presidente da Assembleia Geral, e Carlos Almeida e Cruz, ex-presos político, estiveram, dia 28 de Abril, na Escola Pedro Ferreiro, em **Ferreira do Zêzere**, para falar, em duas sessões, a quatro turmas de alunos do 9.º ano e a alunos dos 10.º, 11.º e 12.º anos, num total de uma centena de alunos.

João Neves e Eduardo Baptista, do Conselho Nacional, foram os oradores de duas sessões, nos dias 20 e 23 de Abril, para alunos do 9.º ano da escola 2/3 da Atouguia da Baleia, **Peniche**. Nos dias 20, 22 e 23 de Abril realizaram-se seis sessões na Escola 2/3 da Atouguia da Baleia e no dia 24 foram quatro as sessões na Escola Dom Luís de Ataíde, em Peniche.

Álvaro Pato participou, dia 21 de Abril, numa sessão na Escola Profissional Agrícola da Paiã, na **Pontinha**, com a presença de 200 alunos e seis professores. Encontrava-se patente, na sala anterior ao anfiteatro, uma exposição da URAP sobre o 25 de Abril.

Xico Braga, do Conselho Nacional, esteve, dia 4 de Maio, na escola D. João I, na Baixa da Banheira, **Moita**, com 90 alunos dos 3.º e 4.º anos, para falar sobre a sua experiência pessoal, abordando, nomeadamente o 25 de Abril e a conquista da Liberdade. O sargento António Lima Coelho, membro da Associação Nacional de Sargentos e director do jornal “O Sargento”, falou a 70 alunos do 12.º ano da Escola Secundária da Moita sobre a Constituição da República Portuguesa (CRP), dia 20 de Março, em representação da URAP. O mesmo orador participou, a 20 de Maio, numa sessão para alunos dos 11.º e 12.º anos da Baixa da Banheira e Vale da Amoreira. Também na Moita, a dia 18 de Março, João Figueiredo falou a cerca de 120 alunos do 9.º ano na Escola D Pedro II, na Moita.

Na Escola Básica EB 2/3 de **Viana do Castelo**, na Abelheira, cerca de 100

alunos dos 8.º e 9.º anos participaram numa sessão em que interveio Bernardo Vilas Boas, que marcou presença ainda numa outra iniciativa, na Escola Básica e Secundária do Vale do Âncora, no concelho de Caminha, para cerca de cerca de 80 alunos dos 6.º e 8.º anos.

Na Escola Básica Professor Egas Moniz, em Massamá, **Sintra**, Eugénio Ruivo e José Coelho falaram nos dias 9 e 10 de Maio para 450 alunos de 18 turmas. A Escola Básica da Venda do Pinheiro, em **Mafra**, promoveu, nos dias 6, 7 e 13 de Maio, sessões com a presença de Eugénio Ruivo, do Conselho Nacional, para uma conversa sobre memória, resistência e cidadania, dirigida aos cerca de 120 alunos do 6.º ano, o mesmo alcance obtido no Agrupamento de Escolas Professor Armando Lucena.

Francisco Manuel Fernandes, do Conselho Nacional, ex-autarca e do núcleo de Torres Vedras, e Eduardo Baptista, igualmente do Conselho Nacional, ex-presos político e da URAP do Cadaval, foram os oradores da sessão de 21 de Abril em **Torres Vedras** destinada a alunos de Ciência Política do 12.º ano. Na Escola Secundária do **Sobral de Monte Agraço** decorreram duas sessões, dia 22 de Abril, organizadas pela Câmara Municipal. Dirigidas a alunos do 8.º e 9.º anos de escolaridade, envolvendo um total de seis turmas, cerca de 120, as sessões contaram com as intervenções de Eduardo Baptista, José Tavares Marcelino e Maria Alexandrina Reto. A 24 de Abril, o Agrupamento de Escolas de **Condeixa-a-Nova**, Clemente Alves, do Conselho Nacional, partilhou com 110 estudantes do 9.º, 11.º e 12.º anos como era viver durante o fascismo.



Comissão da URAP para o Trabalho nas Escolas

A URAP procura estruturar a sua intervenção junto das escolas, tendo constituído para isso a Comissão da URAP para o Trabalho nas Escolas, integrada por dirigentes e quadros locais. A comissão tem o objectivo de reunir mensalmente para planificar as sessões a realizar por todo o País. São encontros descentralizados, estando os próximos agendados para o Porto, Coimbra e Évora.

Para além da marcação das sessões junto das escolas, dos sindicatos dos professores e da FENPROF, é preciso oferecer os livros publicados pela URAP e produzir um vídeo para apoio às iniciativas nas escolas e aos nossos oradores.

URAP evoca libertação dos presos políticos de Caxias e Peniche



No dia 27 de Abril, 52 anos passados sobre a libertação dos presos políticos dos Fortes de Caxias e Peniche, a URAP organizou duas cerimónias de evocação nas quais participaram ex-presos políticos, familiares, amigos e outros resistentes antifascistas.

Em **Caxias**, a cerimónia dirigida por Ana Cristina Ribeiro, do Conselho Nacional, decorreu junto ao Monumento aos Libertadores e aos Libertados e contou com a presença de Jill Lampaert, do Conselho Executivo da Federação Internacional de Resistentes (FIR), e do presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Isaltino Morais.

A intervenção principal esteve a cargo de Adilo Costa, do Conselho Nacional da URAP, que começou por lembrar o que foi o 25 de Abril de 1974 que resgatou Portugal da ditadura fascista e que possibilitou a libertação de todos os presos políticos, para falar do papel da URAP e da sua actividade em todo o território nacional para que a luta antifascista permaneça na nossa memória e os valores de Abril sejam cumpridos.

Referiu ainda exposições organizadas pela Câmara, como “Da Escuridão para a Luz”, de Graça Morais (ver página . Para finalizar, Adilo Costa fez uma análise dos tempos difíceis que se vivem a níveis nacional e internacional com os “avanços de forças de extrema-direita, fascizantes e fascistas, da proliferação do ódio, da mentira, da indiferença e do individualismo”, e “num mundo em escalada

militarista, com graves ameaças à paz e agressões a países, num total desrespeito pelos princípios da Carta das Nações Unidas e violação do Direito internacional”.

Jill Lampaert, da Comissão Executiva da FIR, usou da palavra para saudar e valorizar o papel da URAP na resistência antifascista e o seu contributo na luta de todos a nível internacional. Isaltino Morais interveio igualmente, afirmando não poder faltar à homenagem, pois também viveu no tempo do fascismo e esteve na Guerra Colonial.

Em **Peniche**, após o almoço no Museu Nacional da Resistência e Liberdade, realizou-se a cerimónia de evocação da libertação dos presos presidida por Manuel Pereira do Conselho Nacional da URAP.

Filipa Brás, da URAP, neta do ex-presos político Manuel Pedro, fez o discurso principal no qual abordou os tempos negros do fascismo, mas centrou a sua intervenção nos tempos de hoje e em todos os problemas que o povo e a juventude estão a enfrentar. O seu avô, lembrou, contava o que foram aqueles dias de incertezas com o que ia acontecer com os presos políticos das cadeias do fascismo, e que foi com a pressão dos familiares à porta das prisões e com muitos democratas que se juntaram que tornou possível no dia 27 de Abril de 1974 saírem todos em liberdade. Leu em seguida um excerto de um dos livros que o avô escreveu a propósito de uma das suas saídas do Forte de Peniche: «A alegria de estar em liberdade era muito grande. Mas a angústia de

saber as condições penosas em que estavam a viver os camaradas que ficaram no forte não era menor. Apetecia chorar.»

«O Museu Nacional Resistência e Liberdade é um espaço de memória, de lição de história, de resistência», disse ainda, acrescentando que «a minha geração não viveu no fascismo, mas sabe bem o que é a ascensão das forças reaccionárias e de direita. E é um espaço como este Museu que permite dar a conhecer o que aqui foi vivido, para que nunca mais aconteça».

Terminou citando de novo o avô: «Aos que dizem que parámos no tempo, respondo que o tempo não pára. Eles que se cuidem. Nós somos o Tempo.»

A representante da FIR Jill Lampaert, também presente, voltou a valorizar o papel da URAP na resistência antifascista e o seu contributo actual para a resolução dos grandes problemas internacionais.

Aida Rechená, directora do Museu Nacional Resistência e Liberdade (MNRL), usou da palavra para valorizar o desempenho da URAP que resiste e luta sempre, e para informar os presentes dos vários projectos em curso que o museu leva a cabo.

Por último, o momento cultural foi protagonizado por membros do Coro Lopes-Graça que cantaram várias canções da Resistência e terminou com todos a cantar “Grândola Vila Morena”, de José Afonso.

Abril vivo em



Almada



Aveiro



Braga



Montemor-o-Novo

25 de Abril de 2026. Os portugueses saíram à rua um pouco por todo o país para comemorar a Revolução dos Cravos. Foram lembrar o golpe de Estado dos capitães de Abril na madrugada do “dia inicial inteiro e limpo” e que o povo transformou em revolução, abrindo caminho à liberdade e à democracia, após 48 anos de governo fascista. A URAP esteve presente.

Em **Lisboa** e no **Porto**, na Avenida da Liberdade e na Avenida dos Aliados, milhares de pessoas integraram as manifestações populares com panos e bandeiras alusivos à data. No Porto, da parte da manhã, houve uma visita guiada ao edifício da ex-PIDE, no Heroísmo, a pedido da UNICEPE - Cooperativa Livreira dos Estudantes do Porto.

Na Praça Paiva Couceiro, em Lisboa, na noite de 24 de Abril, a URAP participou com uma banca de livros nas Comemorações Populares da Zona Oriental da Cidade de Lisboa, na Praça Paiva Couceiro. Todos os anos a comissão organizadora destas comemorações, constituída por dezenas de associações da Zona Oriental da Cidade de Lisboa, promove esta iniciativa, que mobiliza largas centenas de pessoas, sobretudo jovens.

Em **Viseu**, centenas de pessoas festejaram os 52 anos do 25 de Abril num desfile entre a Rotunda de Santa Cristina e o Rossio com a habitual faixa na qual se lê o número de presos no distrito durante o fascismo. Na frente do desfile, foi transportada uma faixa por representantes da URAP, da União dos Sindicatos de Viseu / CGTP-IN, do CPPC e do MDM, as entidades organizadoras da manifestação.

Em **Montemor-o-Novo**, a URAP em conjunto com o município realizou a ha-

bitual arruada na noite de 24 de Abril e a projeção dos nomes dos presos políticos no edifício da Biblioteca Municipal. Na manhã do dia 25 de Abril, foi instalada uma banca com materiais da URAP no parque urbano, com confecção e distribuição/oferta de cravos de papel à população. Durante a tarde, realizou-se o roteiro, com deposição de cravos e leitura de textos em diversos monumentos.

No **Seixal**, a URAP participou, dia 28 de Abril, a convite da Associação dos Serviços Sociais dos Trabalhadores das Autarquias do Seixal (ASSTAS), do Seixal, no almoço comemorativo do 52º aniversário do 25 de Abril, com mais de 200 trabalhadores das autarquias do Seixal, e animado pelo Grupo Coral Alentejano da Associação, que decorreu no refeitório dos Serviços Operacionais da Câmara Municipal do Seixal.

A URAP fez-se representar por Carlos Mateus e Edgar Costa, membros do Conselho Directivo e da Comissão Executiva.

Em **Aveiro**, o núcleo da URAP organizou na noite de 24 de Abril a comemoração dos 52 anos do 25 de Abril com um jantar num restaurante desta cidade que juntou 174 pessoas, num ambiente festivo com muitos cravos vermelhos, canções da Resistência, poesia e depoimentos sobre os acontecimentos de Abril. A intervenção esteve a cargo do associado da URAP Aníbal Guerra. No dia 25 de Abril, a URAP participou na manifestação popular que partiu junto à Escola Secundária Mário Sacramento, desaguando na Praça Melo Freitas, onde ocorreu diversa atividade cultural, política e artística.

Em **Mangualde**, António Vilarigues, do Conselho Directivo da URAP e do nú-

cleo de Viseu, participou, dia 14 de Abril, a convite de Alexandre Constantino, presidente da União de Freguesias de Mangualde, Mesquitela e Cunha Alta, numa sessão sobre o aniversário da Revolução do 25 de Abril. Simultaneamente, esteve patente na Sala Bernardino Azevedo da Junta de Freguesia de Mangualde uma exposição da URAP sobre os 50 anos do 25 de Abril, que foi comentada pelo convidado.

No **Montijo**, o núcleo da URAP assinalou os 52 anos do dia 25 de Abril com uma banca de livros na Praça da República, onde também distribuiu cravos à população da cidade.

Em **Braga**, milhares de pessoas estiveram presentes na manifestação da comemoração dos 52 anos da Revolução do 25 de Abril, promovida pela CGTP-IN, a que a URAP se juntou. Na manifestação, encontravam-se muitos jovens que apelaram ao respeito pela Constituição da República Portuguesa, contra o pacote laboral, para o fim da guerra e o fim do genocídio na Palestina e em todos os povos do Mundo.

Em **Setúbal**, as comemorações integraram uma sessão solene da Assembleia Municipal de Setúbal, no Fórum Municipal, uma homenagem junto ao Monumento aos Resistentes Antifascistas e uma arruada organizada pela Sociedade Musical Capricho Setubalense. A homenagem aos resistentes antifascistas, que contou com a participação da URAP e de muitos antifascistas de Setúbal, teve a presença dos presidentes da Câmara e Assembleia Municipais de Setúbal, vereadores, presidentes de Juntas de Freguesia e outros eleitos. Em nome da URAP interveio Angelina Soares, do Conselho Nacional.

n todo o País



Em **Almada**, a Revolução de Abril foi comemorada com um desfile popular organizado pelo Movimento Associativo do Concelho de Almada, que integra a URAP, o MDM, a CPPC, a Academia Almadense e a ACCA-Associação das Coletividades do Concelho de Almada, que mobilizou dezenas de colectividades, associações e cidadãos. Os Bombeiros Voluntários de Cacilhas, de Almada e Trafaria, com as suas fanfarras, e as filarmónicas centenárias - a Incrível Almadense

(SFIA), a União Piedense (SFUAP) e a Academia Almadense (AIRFA) - juntaram-se ao cortejo encabeçado pelo Núcleo de Almada da URAP.

Para assinalar o 52.º aniversário da libertação dos presos políticos de Peniche e de Caxias, integrado nas comemorações da Revolução, a URAP organizou no Alvite, concelho de **Moimenta da Beira**, dia 26 de Abril, uma cerimónia de homenagem a Diamantino Gertrudes da Silva

(1943-2018), capitão de Abril, comandante do Grupo Insurrecional da Região Militar do Centro. Este agrupamento de mais de 2000 militares, na madrugada de 24 de Abril de 1974 partiu do RI-14 em Viseu com a missão de salvaguardar as vidas dos presos políticos no Forte de Peniche e promover a sua libertação. Em nome da URAP, usou da palavra António Vilarigues, do Conselho Directivo.

Guardiões e Guardiãs da memória da resistência

O Museu Nacional Resistência e Liberdade (MNRL), em Peniche, criou o projecto “Guardiões e Guardiãs da Memória Antifascista”, para desafiar os jovens/estudantes a investigar histórias de resistência no seu território — histórias de antigos presos políticos, de resistentes antifascistas, de homens e mulheres que lutaram pela liberdade, de lutas travadas contra o fascismo.

Participaram neste projecto 40 agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, todas as escolas do concelho de Peniche e outras de várias localidades do país.

Essas histórias foram depois transformadas em actos criativos: podcasts, canções, peças de teatro, poemas, filmes, exposições, entre outros. Os trabalhos, realizados pelos alunos, foram divulgados na sua escola e na sua comunidade e também no Museu Nacional Resistência e Liberdade, numa exposição que decorreu de 21 de Março a 30 de Abril.

Os jovens tornaram-se, assim, cuidadores da memória coletiva. Saíram da escola para a comunidade. Investigaram, criaram e partilharam.

No dia 24 de Abril, de manhã, os alunos envolvidos no projeto, acompanhados por algumas turmas ou representantes das turmas, visitaram o Museu Nacional



da Resistência e Liberdade. Cada um dos alunos recebeu o nome de um preso político da Fortaleza de Peniche, tornando-se, simbolicamente, guardião ou guardiã da sua memória e o continuador da sua luta pela Liberdade e pela Democracia.

No Pátio da Cisterna realizou-se uma sessão com a participação de cerca de 350 alunos, e as intervenções da directora do Museu Nacional Resistência e Liberdade, Aida Rechenha, do presidente da Museus e Monumentos de Portugal, do presidente da Câmara Municipal de Peniche e de dois ex-presos políticos, José Marcelino e Francisco Braga. Houve ainda um momento cultural com a participação dos alunos, que leram alguns poemas, e um momento musical com a participação da CERCÍ Peniche e da Tuna da Escola Superior de Turismo e Tecnologias do Mar (ESTM).

Assembleia Geral da URAP realizou-se em Lisboa

A Assembleia Geral (AG) da URAP dirigida pelo presidente da Mesa, João Madeira Lopes, reuniu-se, dia 21 de Março, na Casa do Alentejo, em Lisboa, com a presença de 121 sócios, 22 dos quais usaram da palavra. Teve como ponto único da ordem dos trabalhos a apreciação e votação do Relatório de Actividades e das Contas de 2025 e do Plano de Actividades e Orçamento para 2026. Foi aprovada uma moção sobre a Paz no Mundo e o futuro da Humanidade.

José Pedro Soares abriu a sessão, destacando a intervenção da URAP na preservação da memória e também actuando sobre os problemas da actualidade, exemplificando estes com o significado da derrota da extrema-direita na segunda volta das eleições presidenciais.

No plano internacional, o orador falou das relações da URAP com a Federação Internacional de Resistentes (FIR), de que é associada, e sublinhou a existências de guerras no mundo. Aludiu à acção criminoso dos EUA e de Israel na Palestina, a violação das leis internacionais no Irão, com o objectivo de sacar as riquezas do país, a continuação da guerra na Ucrânia e a ameaça dos EUA a Cuba.

José Pedro Soares lembrou que durante este ano a URAP e a Constituição da República Portuguesa (CRP) celebram 50 anos e que urge comemorar devidamente envolvendo a juventude. Anunciou a edição de mais livros da URAP.

O Relatório de Actividades de 2025 foi apresentado por Carlos Mateus, do Conselho Directivo, o Relatório das Contas e o parecer do Conselho Fiscal por Hermínio Martins, relator desse órgão, e o Plano de Actividades para 2026 por César Rousado, do Conselho Directivo.

Os participantes aprovaram, por unanimidade, tal como aconteceu com os outros documentos, uma moção sobre política mundial e as guerras que grassam na Europa e no Médio Oriente, apresentada por Carlos Mateus.



Os documentos poderão ser consultados na íntegra em urap.pt.

Estiveram presentes na AG 121 associados vindos do Porto, Aveiro, Coimbra, Figueira da Foz, Viseu, Santarém, Peniche, Marinha Grande, Odivelas, Loures, Santa Iria da Azóia, Vila Franca de Xira, Lisboa, Algueirão/Mem Martins, Agualva/Cacém, Queluz, Amadora, Almada, Seixal, Moita, Setúbal, Palmela, Barreiro, Litoral Alentejano, Portalegre, Évora, Montemor-o-Novo, Beja e Silves.

Conselho Nacional reunido na nova sede

A nova sede da URAP acolheu, no dia 15 de Junho, uma reunião do Conselho Nacional que abordou aspectos relacionados com a situação nacional e internacional, questões organizativas e relativas às frentes de trabalho. No que respeita à organização, falou-se do reforço dos núcleos, da campanha de novos associados, da regularização da quotização, entre outras. Quanto à actividade, sublinhou-se o trabalho junto das escolas, as apresentações de livros e a comemoração dos 50 anos da Constituição da República Portuguesa e da fundação da URAP.



Solidariedade com a luta pela conversão da antiga Prisão Provincial de Cáceres em Centro Cívico Memorial

A URAP participou nas XII Jornadas da Memória Histórica, dia 14 de Março, em Cáceres, Extremadura espanhola, a convite da Asociación Memorial en el Cementerio de Cáceres (AMECECA), estando representada por César Roussado e José Baguinho, ambos do Conselho Directivo, e Laurinda Bacalhau, do Conselho Nacional. Presentes ainda associados dos núcleos de Lisboa, Beja e Algueirão/Mem Martins.

Pepe Hinojosa, vice-presidente da AMECECA, falou às centenas de pessoas concentradas junto à entrada da Prisão Provincial de Cáceres e reclamou que «o edifício da antiga Prisão Provincial de Cáceres seja convertido num Centro Cívico Memorial, de titularidade pública estatal, relacionado com a repressão fascista, os direitos humanos e a Paz».



César Roussado agradeceu o convite em nome da URAP e saudou todos os presentes, manifestando solidariedade com a AMECECA na sua luta pela conversão da antiga Prisão Provincial de Cáceres num Centro Cívico Memorial, para que o passado fascista não seja esquecido.

No final da concentração decorreu um desfile, com bandeiras da AMECECA



e da URAP, pelas ruas de Cáceres até ao cemitério, onde jazem centenas de vítimas republicanas assassinadas durante a Guerra Civil e o franquismo.

A presidente da AMECECA, Maria Jesús Criado, presidiu à cerimónia de evocação e homenagem no cemitério, onde falaram vários familiares das vítimas da repressão fascista.

Combate antifascista em todas as frentes

A URAP esteve presente nas comemorações do 1.º de Maio, Dia do Trabalhador, em vários pontos do país. Em Lisboa, a URAP integrou o desfile com uma faixa própria e esteve presente na Alameda com uma banca de venda de livros.

No Porto, além de participar com duas faixas na manifestação, teve também uma banca de livros na Avenida dos Aliados, em que foi possível contactar muitas pessoas e apelar à participação na Marcha pelo Museu da Resistência no Porto, de dia 9 de Maio.

No dia 17 de Abril, a URAP compareceu na manifestação convocada pela CGTP-IN, que partiu do Saldanha, em Lisboa. A 21 de Março, a URAP participou na manifestação pelo direito à habitação porque este é um direito de Abril. As casas são para viver. Não são para especular.



URAP participa em visitas a museus

O Núcleo de Aveiro promoveu a 23 de Maio uma visita guiada à Casa Museu Aristides de Sousa Mendes, localizada em Cabanas de Viriato, município de Carregal do Sal. O espaço revela as múltiplas dimensões da história de um homem que, enquanto Cônsul de Portugal em Bordéus, foi responsável por uma das maiores acções de salvamento de vidas humanas durante a guerra de 1939-45. Já o núcleo do Porto realizou, no dia 18 de Abril, uma visita guiada ao projecto museológico “Do Heroísmo à Firmeza”, antiga cadeia da PIDE no Porto onde se pretende ver instalado o Museu da Resistência naquela cidade. A iniciativa partiu de um grupo de militantes do Partido Ecologista «Os Verdes» e contou com a participação de Maria José Ribeiro, ex-presa política e membro do Conselho Nacional da URAP.



URAP assinala 50 anos da da Constituição da R



A URAP, que integra muitos combatentes contra a ditadura e pela liberdade em Portugal e ainda pessoas mais jovens que garantem a continuação dos ideais da Revolução de Abril, assinalou em várias ocasiões a importância da Constituição da República Portuguesa (CRP), aprovada pela Assembleia Constituinte e promulgada em 2 de Abril de 1976.

Marco fundador da democracia portuguesa, elaborada segundo os objectivos e ideais do 25 de Abril de 1974, a Constituição, promulgada há 50 anos, representou a passagem de um processo revolucionário para um regime político assente na soberania popular.

Apesar de já ter sofrido sete revisões, a CRP inscreve na lei fundamental os princípios de uma sociedade livre e democrática, os direitos e garantias dos cidadãos: a democracia política, económica, social e cultural, a paz e a independência nacional.

Para que Abril se cumpra, a URAP apela à presente e à futura geração para que lutem pelo cumprimento da Constituição.

Em **Lisboa**, dia 2 de Abril, a URAP participou na Sessão Comemorativa dos

50 anos da promulgação da Constituição da República Portuguesa, organizada por 17 movimentos apoiantes, com início no Instituto Superior de Economia e Gestão e terminou nas escadarias da Assembleia de República. O Major-general Jorge Aires presidiu à sessão de abertura no Anfiteatro 5 da faculdade, onde foi projectado o discurso do General Costa Gomes na Assembleia da República, quando da promulgação da Constituição. Na sessão intervieram ainda o Comandante Simões Teles, o professor José Manuel Mendes e o Major-general Jorge Aires que leu a intervenção do Comandante Silveira Pinheiro, ausente no estrangeiro.

Contou ainda com um momento cultural com o actor André Levy, que leu o poema “Esta lei”, de Maria Velho da Costa, e o poema “Acordai” de José Gomes Ferreira.

Os participantes saíram em desfile para junto da escadaria da Assembleia da República, onde tomaram a palavra o Major-general Pedro Pizarat Correia, o coordenador da URAP, José Pedro Soares, e a representante da Interjovem Rita Branco, entoando palavras de ordem de direitos consagrados na Constituição, como: liberdade sindical; paz, pão e habi-

tação; saúde, educação, segurança social; custo de vida.

Participaram as seguintes organizações: Associação 25 de Abril - A25A; Associação Conquistas da Revolução - ACR; Associação Sindical dos Profissionais da Polícia - ASPP/PSP; CGTP/Interjovem; CGTP/União dos Sindicatos de Lisboa; CGTP-IN - Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional; Clube de Praças da Armada; Confederação Nacional de Reformados, Pensionistas e Idosos - MURPI; Conselho Português para a Paz e Cooperação - CPPC; Federação das Associações de Reformados Pensionistas e Idosos do Distrito de Leiria - FARPILEI; Federação Distrital de Setúbal do MURPI; Manifesto, Cumprir e fazer cumprir a Constituição; Movimento Democrático de Mulheres - MDM; Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e pela Paz no Médio Oriente - MPPM; União de Resistentes Antifascistas Portugueses - URAP.

No **Porto**, dia 1 de Abril, na Praça Gomes Teixeira, na sessão comemorativa, Manuela Máximo, do núcleo da URAP, leu um texto, escrito para o efeito, do advogado Dantas Ferreira, do Conselho Nacional, subordinado ao tema: “A Liber-

aprovação e promulgação República Portuguesa



dade de Informar em Portugal: o Binómio do artigo 37.º da CRP”.

O texto afirma que «o artigo 37.º da CRP estabelece a liberdade de expressão e informação como um dos direitos das liberdades e garantias pessoais», acrescenta que «pela sua importância é também objecto de proteção de instrumentos jurídicos internacionais (como o art.º 19.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos) e europeus, em matéria de direitos humanos (art.º 10.º da Convenção Europeia dos Direitos Humanos)».

«Face ao panorama actual dos nossos órgãos de comunicação, das fake news e num tempo de desinformação e de pressões crescentes sobre o jornalismo, defender o art.º 37º da CRP é defender estes dois pilares em simultâneo: a liberdade de dizer e a igualdade no acesso ao dizer», diz a concluir.

A URAP, ACR, AJA, ANDST, CADCACO, CPPC, MDM, MPPM, MURPI, Projecto Ruído, UNICEPE, USP-CGTP e Grupo Etnográfico da Universidade do Porto foram as organizações que patrocinaram esta sessão de celebração dos 50 anos da Constituição da República Portuguesa.



Em **Almada**, a comemoração inseriu o lançamento do novo livro da URAP “1976-2026 – Afirmar, Defender e Cumprir a Constituição” (ver página 2), e na Amora, concelho do **Seixal**, dia 15 de Abril, no Auditório da Junta de Freguesia de Amora, António Ramos apresentou a Constituição da República Portuguesa enfatizando as principais conquistas consagradas na Lei Fundamental. No auditório encontrava-se uma exposição da URAP que apresenta os principais marcos da história dos 52 anos do 25 de Abril de 1974.

Na **Moita**, dia 12 de Abril, activistas e amigos pintaram um mural na Estrada

Nacional em Alhos Vedros alusivo à CRP. A iniciativa envolveu 15 pessoas. No dia 13 de Junho, em **Aveiro**, o aniversário da Constituição da República Portuguesa foi assinalado numa sessão que contou com as intervenções do economista João Rodrigues, professor da Universidade de Coimbra, e da jurista Raquel Valentim, do MDM.

Em **Vila Real de Santo António**, a 11 de Junho, realizou-se uma conferência sobre o 50.º aniversário da CRP, com apresentação do livro, com a presença de José Pedro Soares, coordenador da URAP e deputado constituinte.

Grande manifestação do Museu da Resistência

No Porto, dia 9 de Maio, seis centenas de pessoas marcharam entre o Largo Soares dos Reis – junto ao edifício onde no fascismo funcionava a sede da PIDE/DGS – e a Rua de Santa Catarina, exigindo a criação de um museu da resistência na cidade invicta. A manifestação, promovida pela URAP, contou com o apoio de 240 subscritores, personalidades ligadas à cultura, à academia, ao sindicalismo, à justiça, ao jornalismo e à intervenção cívica.

Maria José Ribeiro, do Conselho Nacional da URAP e ex-presa política

naquelas instalações, Teresa Lopes, do Conselho Directivo, que apresentou, e o jovem estudante Rui Rodrigues, presidente da Associação de Estudantes da Escola Artística Soares dos Reis, usaram da palavra.

A resistente antifascista Maria José Ribeiro, que sofreu as masmorras da PIDE naquela cadeia extinta com o 25 de Abril, e tanto tem lutado pela criação do museu da resistência no Porto, fez um curto historial do que tem sido a luta dos democratas do Porto e da URAP ao longo do tempo, chamou ainda a atenção para

a validade do projecto «Do Heroísmo à Firmeza», que mantém aberta a possibilidade das visitas poderem imaginar um pouco do que era o percurso dos presos naquele local, salientando a relação salutar de respeito e mútua cooperação mantida com as direcções do Museu Militar, que actualmente ocupam o edifício.

Rui Rodrigues ilustrou a consciência da juventude dos problemas actuais e a crescente vontade de lutar, organizadamente, por uma sociedade mais justa, retirando também lições do passado da resistência antifascista.



Panorama de um processo em curso

Na Rua do Heroísmo, no edifício confinante com o Cemitério do Prado do Repouso, funcionou durante mais de 40 anos a delegação no Porto da polícia política da ditadura fascista, com os nomes que teve: PVDE, PIDE e DGS. Ali estiveram presas mais de 7600 pessoas, mulheres e homens, cujo delito era o de lutarem pela democracia, a liberdade, a paz, a justiça social, e por isso tantos foram agredidos e torturados, em pelo menos dois casos até à morte.

No dia 25 de Abril de 1974, a sua ocupação e a libertação dos presos políticos foi um dos alvos prioritários dos militares do MFA. Tendo ficado sob tutela do Ministério da Defesa, a casa foi transformada, em 1977, em Museu Militar.

Ao longo dos anos, cresceram as vozes e testemunhos individuais e colectivos dos que entendem que a memória da luta contra a repressão fascista deve ser preservada junto das novas gerações e diferentes públicos, e que o espaço natural para um museu no Porto que guarde a memória da resistência é o edifício da Rua do Heroísmo, à imagem do que sucede com o Museu do Aljube, em Lisboa, e o Museu de Peniche.

Em 2004, o Governo Civil do Porto mandou afixar uma placa com os dizeres «Homenagem do povo do Porto - Aos democratas e antifascistas que neste edifício foram humilhados e torturados pela PIDE/DGS». No jardim junto ao edifício, está um busto de Virgínia Moura, conhecida lutadora antifascista, presa 16 vezes. A escultura nasceu de uma iniciativa popular com apoio da Câmara Municipal. No mesmo espaço um conjunto escultórico evoca Hermínio da Palma Carlos e a sua fuga daquela prisão.

A URAP conseguiu que fosse instalado no local o projecto museológico «Do Heroísmo à Firmeza - percursos da memória na casa da PIDE do Porto 36/74», bem acolhido pela Assembleia da República, em sessão plenária de Julho de 2015, pela Direcção Geral de Arquivos e pelos responsáveis do Museu Militar do Porto e respectiva hierarquia militar, e objecto do Protocolo assinado em 1 de Setembro de 2015 pelo Exército Português e a URAP.

Mas não é suficiente e são significativas as muitas resoluções sobre esta matéria aprovadas colocar (a última já na actual maioria), pela Assembleia da República ao longo dos anos. Há que cumpri-las e dar um passo adiante: criar o Museu da Resistência e Liberdade, na Rua do Heroísmo, no Porto.



no Porto pela criação Resistência naquela cidade

A marcha foi animada com palavras de ordem como «Memória, sim, esquecimento, não». «Quem esquece a repressão, abre portas à opressão». «Um museu para recordar, um povo para resistir». «Liberdade e democracia, sim! Fascismo, nunca mais!»

No final da marcha, Domingos Oliveira Dias, ex-presos, leu uma moção que foi aprovada pelos participantes, na qual se lia:

«1. Reafirmar a importância de não esquecer o tempo tenebroso da ditadura,

valorizando a resistência que lhe foi imposta e que abriu caminho aos valerosos militares patriotas para lhe pôr fim, dando sério combate à descarada reescrita da História e branqueamento do período fascista a que temos vindo a assistir;

2. Renovar a exigência da instalação do Museu da Resistência Antifascista no edifício do Heroísmo;

3. Exigir o cumprimento das Resoluções aprovadas na AR, designadamente a de 26 de Setembro de 2025, que recomenda ao Governo que seja fixada a calen-

darização para deslocalização do Museu Militar do edifício do Heroísmo, para aí instalar o Museu da Resistência, dotando, por via do Orçamento de Estado, as verbas necessárias para o desenvolvimento deste projecto.

4. Os participantes na marcha apelam a todas as instituições do Porto, às autarquias, designadamente à Câmara Municipal, instituições de ensino, nomeadamente à Universidade, estruturas associativas e culturais, para que abracem este projecto intervindo para o tornar realidade.»



URAP reafirma solidariedade com povo do Saara Ocidental

A URAP condenou, em comunicado de 12 de Junho, o assassinato de três membros da Frente Polisário, entre os quais de Mohamed Abdelaziz, filho do antigo Presidente da República Árabe Saarauí Democrática (RASD), numa ataque perpetrado por Marrocos no muro de separação no Saara Ocidental.

Segundo um comunicado da RASD, que informa que foram decretados três dias de luto nacional, a morte de Abdelaziz ocorre durante uma visita do enviado pessoal do secretário-geral das Nações Unidas para o Saara Ocidental, Staffan de Mistura, aos campos de refugiados saarauís, no âmbito de uma missão diplomática destinada a relançar os esforços de mediação no conflito.

Lehbib Mohamed Abdelaziz, de 37 anos, era filho de Mohamed Abdelaziz, líder histórico da Frente Polisário, que desempenhou funções como secretário-geral do movimento desde 1976 e presidiu à RASD entre 1992 e 2016, ano em que morreu, sendo sucedido por Brahim Ghali.

O Saara Ocidental, antiga colónia espanhola com vários recursos naturais, foi ocupado por Marrocos em 1975, desencadeando um conflito armado com a Frente Polisário que terminou com um cessar-fogo em 1991, negociado pelas Nações Unidas. O acordo previa a realização de um referendo sobre a autodeterminação do território, mas divergências relacionadas com o recenseamento eleitoral e a elegibilidade de colonos marroquinos impediram até hoje a concretização da consulta.

Recentemente, o presidente saarauí, Brahim Ghali, enviou uma carta ao secretário-geral da ONU, António Guterres, defendendo que os ataques da Frente Polisário contra posições marroquinas constituem atos de legítima defesa face ao que classificou como a ruptura, por parte de Rabat, do cessar-fogo estabelecido em 1991, que tem levado à morte e detenção de muitos saarauís. Nos últimos anos, a Frente Polisário sofreu diversos reveses diplomáticos, à medida que aumentou o apoio internacional ao plano de autonomia proposto por Marrocos para o território, incluindo por parte de Espanha, França e Reino Unido, entre outros.

A posição de Portugal, que defendia o direito à autodeterminação do povo saarauí à luz das resoluções da ONU, sofreu alterações em Julho de 2025, com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, a declarar que a proposta de Marrocos — que oferece uma forma de autonomia sob soberania marroquina — como «séria, credível e construtiva». Embora tenha reiterado que qualquer acordo deve ser alcançado no quadro das Nações Unidas. Estas declarações levaram já ao agradecimento público do rei Mohammed VI de Marrocos.

A proposta é rejeitada pela RASD e pela ONU que continuam a defender a realização de um referendo de autodeterminação. A RASD defende que é Espanha, e não Marrocos, que mantém o estatuto de potência administrante do território.

Nesta ocasião, a URAP reafirma a sua solidariedade com o povo saarauí e a Frente Polisário, sua legítima representante, que lutam pelo seu direito a autodeterminação.

Vidas antifascistas

Recordamos os antifascistas que nos deixaram e seguimos o seu exemplo. A URAP apresenta à família e amigos as suas condolências.

José Carlos de Almeida

O antifascista José Carlos de Almeida, ex-presos político, sócio da URAP, militante do PCP e deputado constituinte, morreu dia 15 de Maio, aos 94 anos. Nascido a 4 de Agosto de 1931 em Encarnação, Mafra, foi o último funcionário clandestino do PCP preso antes da Revolução de Abril, a 21 de Abril de 1974. Espancado por não prestar declarações, nem mesmo dizer o seu nome, ficou conhecido como o “preso sem nome”. Foi libertado da cadeia do Forte de Caxias a 27 de Abril de 1974, com os outros presos políticos, na sequência do 25 de Abril.

Com uma vida inteira dedicada à luta pela liberdade e a democracia, desde jovem participou no movimento democrático e no movimento associativo, tendo sido dirigente da Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal e activista no Cine-Clube de Lisboa. Trabalhador bancário, em 1958, integrou a comissão de jovens da candidatura de Arlindo Vicente à Presidência da República e, depois, da candidatura do General Humberto Delgado. Militante do PCP desde 1957, passou à clandestinidade em 1962 e foi membro do Comité Central de 1973 a 1988. Destaca-se o seu papel na organização da greve dos pescadores de Matosinhos e de outras localidades do Norte, em Abril e Maio de 1968, e na preparação da manifestação contra a carestia de vida, que decorreu a 15 de Abril de 1972, na cidade do Porto. Em 1975, foi candidato do PCP às eleições para a Assembleia Constituinte pelo círculo eleitoral do Porto.



Carlos Brito

Carlos Brito, antigo dirigente do PCP, preso político por três vezes, interveniente na Revolução do 25 de Abril, deputado Constituinte e à Assembleia da República, candidato presidencial, ex-director do jornal Avante!, escritor, morreu no dia 7 de Maio, aos 93 anos.

Depois do 25 de Abril dedicou-se à construção da democracia em Portugal como militante e dirigente do PCP durante 45 anos, partido do qual saiu no início dos anos 2000, por discordâncias ideológicas, tendo posteriormente sido apoiante do PS em Alcoutim. Iniciou a sua participação política enquanto estudante, tendo pertencido ao MUD Juvenil, foi protagonista de uma audaciosa fuga da cadeia do Aljube, em 25 de Maio de 1957, com Américo de Sousa e Rolando Verdial. Após Abril desempenhou durante 15 anos a liderança do grupo parlamentar do PCP, e em 1980, foi candidato à presidência da República, tendo desistido a favor do General Ramalho Eanes, por decisão do PCP. Cessou funções em 1988 de director do jornal Avante! órgão central do PCP, regressando depois a Alcoutim, onde escreveu grande parte dos seus livros.

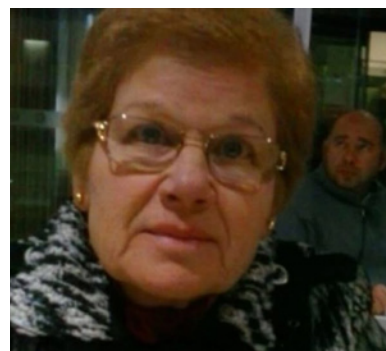


Ercília Talhadas

Ercília Talhadas, membro do núcleo de Palmela-Setúbal e ex-dirigente da URAP, antiga deputada pelo PCP e sindicalista, morreu dia 28 de Abril aos 79 anos.

Nasceu na Vila do Escoural, Montemor-o-Novo, a 28 de Março de 1947, foi operária têxtil na CUF/Quimigal, e mais tarde fez a licenciatura em Direito, sendo jurista/técnica superior na Câmara Municipal de Palmela.

Operária química especializada, activista e dirigente sindical, membro da Comissão de Trabalhadores e do Conselho Geral de Trabalhadores da CUF/Quimigal, foi também dirigente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul e na União de Sindicatos de Setúbal da CGTP-IN, a cujo Conselho Nacional pertenceu. Antes de Abril, foi activista sindical, membro do Movimento Democrático de Mulheres (MDM) e activista do Movimento Democrático Português (MDP). Depois da Revolução, foi deputada à Assembleia da República pelo PCP, tendo integrado a Direcção da Organização Regional de Setúbal e o Comité Central do PCP entre 1979 e 1983.



João Narciso

João António Moncacha Narciso, natural de Trigaches, Beja, e membro do Conselho Nacional da URAP, faleceu em Abril. Marceneiro de profissão, foi delegado sindical e membro da Comissão de Trabalhadores da empresa Júlio Gonçalves Batista, foi militante e funcionário do PCP: integrou a Comissão Concelhia de Loures, o Sector de Empresas de Lisboa, a Direcção da Organização na Cidade de Lisboa, a Direcção da Organização Regional de Lisboa e a Direcção da Organização Regional de Beja. No plano associativo, era vogal da direcção da Associação de Amizade Portugal Cuba e precursor do seu núcleo de Beja. Foi candidato pela CDU nas eleições autárquicas de 2025, tendo sido eleito para a Assembleia da União de Freguesias de Trigaches e S. Brissos.



Nesta rubrica, damos voz aos núcleos da URAP que asseguram parte importante da actividade desenvolvida no País. O seu objectivo é dar a conhecer o trabalho realizado, partilhando experiências que permitam elevar a intervenção e a actividade antifascistas.

Marinha Grande

O núcleo da URAP da Marinha Grande tem actualmente 24 associados, o que consideramos pouco para o concelho da Marinha Grande, tendo em conta a importância histórica da luta antifascista dos operários vidreiros e da população da Marinha Grande ao longo de décadas do fascismo, com particular destaque para a greve geral contra a fascização dos sindicatos, em 18 de Janeiro de 1934.

Há várias razões para o núcleo da URAP da Marinha Grande não ter a projecção devida, nomeadamente a falta de reuniões regulares e de disponibilidade dos associados. Acrescenta-se ainda as muitas tarefas dos responsáveis em outras áreas de intervenção social e associativa. Contudo, tem organizado algumas sessões de apresentação de livros da URAP.

Apesar das dificuldades organizativas, o núcleo tem dado um importante contributo, em coordenação com o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira (STIV), na revitalização da mani-



festação anual do 18 de Janeiro pelas ruas da cidade da Marinha Grande. O núcleo participa também na organização do almoço na Sociedade Desportiva e Recreativa Garcense para mais de 100 participantes oriundos dos distritos de Lisboa e Setúbal.

Face à débil situação organizativa, que nos preocupa, estamos a tomar medidas para alterar a situação, por forma a desenvolvermos actividade regular nas várias áreas de intervenção da resistência antifascista. Assim, vamos elaborar um plano de actividades para o Concelho da

Marinha Grande, tanto no plano de iniciativas como nas questões relativas à organização.

Temos como objetivo inscrever, no quadro dos 50 anos da URAP, 10 novos associados, promover este ano, pelo menos, duas iniciativas, e começar a preparar a nossa intervenção nas escolas do concelho para o próximo ano lectivo: levar o 25 de Abril às escolas.

Estamos certos e confiantes de que com estas medidas a situação do núcleo da URAP da Marinha Grande terá uma alteração muito positiva. Vamos conseguir!

Algueirão - Mem Martins

O núcleo da URAP de Algueirão - Mem Martins reúne-se regularmente uma vez por mês e, quando necessário, promove reuniões com objectivos determinados.

Nos últimos meses, e no quadro dos 50 anos da URAP, inscreveram-se novos associados na base de um levantamento de nomes a convidar para integrar a URAP. Após reflexão sobre a situação orgânica do núcleo, concluímos ser necessário ter duas reuniões no mesmo dia, ao sábado, ou seja, no início da tarde reúnem-se os associados reformados, e em horário pós-laboral os associados que trabalham. Procuramos agora encontrar um novo local para as reuniões.

As tarefas estão distribuídas, sendo necessário, contudo, melhorar.

O conteúdo das reuniões na definição das tarefas tem sempre um enquadramento político, social e cultural na base da situação concreta do período em análise. Praticamente todos os associados têm a quotização regularizada e temos como objectivo chegar aos 100 por cento.



No que respeita à actividade desenvolvida pelo núcleo, destaca-se a apresentação de livros da URAP e a sessão evocativa da Vitória sobre o nazi-fascismo - Dia da Vitória, com a participação de mais de 70 pessoas, no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Algueirão Mem Martins.

O núcleo tem dado um bom contributo na mobilização para as iniciativas centrais, como a evocação da libertação dos presos políticos em Caxias e Peniche, participação na comemoração do 18 de Janeiro na Marinha Grande, visita a Cáce-

res, manifestações por motivos laborais e sociais e de luta pela paz.

A maior lacuna tem sido no trabalho nas escolas e nas comemorações do 25 de Abril.

Este ano, no quadro dos 50 anos da URAP, estamos a programar iniciativas e implementar a banca mensal com os materiais da URAP.

No que respeita ao reforço organizativo temos como objectivo, e boas perspectivas, inscrever 10 novos associados.

URAP comemora 50 anos e inaugura nova sede para Lisboa

A URAP fez 50 anos, dia 30 de Abril. Houve festa em Lisboa com a inauguração de uma nova sede situada na Avenida Eng. Arantes de Oliveira, n.º 1, s/loja, Oaias. Tem metro à porta, autocarros, gabinetes de trabalho, sala de reuniões, biblioteca, e tudo o que é preciso para se trabalhar em prol da memória, do presente e do futuro. A URAP agradece a todos os que tornaram isso possível. Viva a liberdade! Viva a democracia!

Em Lisboa a nova sede foi inaugurada na tarde do dia 30 perante cerca de uma centena de pessoas num ambiente de alegria e festa, em que não faltaram petiscos, bolo de aniversário e muitos cravos vermelhos. As velas foram apagadas por Marília Villaverde Cabral e Levy Baptista, coordenadora e presidente da Assembleia Geral durante muitos anos, a festa foi apresentada por Edgar Costa, do Conselho Directivo, e a intervenção coube a José Pedro Soares, coordenador.

José Pedro Soares, depois de saudar os presentes, fez uma síntese do trabalho na URAP no mês de Abril, «muito preenchido por actividades, envolvendo a URAP e seus núcleos em todo o País». Falou das sessões nas escolas para comemorar o 25 de Abril, nos novos e velhos livros da colecção “Páginas da Memória” e “Cadernos da URAP”, nas comemorações dos 52 anos do 25 de Abril, nas cerimónias da evocação da libertação dos presos de Caxias e Peniche, nas manifestações contra o Pacote Laboral, na promulgação da Constituição da República Portuguesa.

«Foi precisamente há 50 anos, a 30 de abril de 1976, que ex-presos políticos, outros antifascistas e membros da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos» criaram esta organização, disse, para acrescentar que «não temos ainda um registo histórico escrito destes anos da URAP. Trata-se de um trabalho que só agora começa a ser feito, desde já, com a edição de um Boletim Especial, que já está a ser preparado, e também de uma exposição que irá reunir documentação, escritos, arranjos gráficos, cartazes, livros, pinturas e outros materiais, prevista para final do ano». Anteriormente, Edgar Costa, do Conselho Directivo, apresentou detalhadamente o «novo espaço de trabalho e convívio da URAP», lembrando que esta é a quinta sede em Lisboa que a



URAP tem, tendo começado por reunir na casa de um dos fundadores, na Rua Alexandre Braga, n.º 6, freguesia de Arroios.

Para além dos muitos sócios, amigos e ex-dirigentes da URAP, estiveram presentes como convidados representantes do PCP, PEV, CGTP, US Lisboa, Confederação de Colectividades, CPPC, A C Penha, Movimento pelos Direitos do Povo Palestino, Associação Portugal-Cuba, Associação Iúri Gagarine, Casa do Alentejo, Voz do Operário, Frente Antirracista e Câmara Municipal do Seixal.

Foi apresentada uma medalha, para venda, da autoria do escultor João Duarte, e anunciada a saída em breve de uma serigrafia da ilustradora Sónia Semião. A festa terminou com um momento cultural protagonizado por José Carlos, coralista do Grupo Lopes Graça, que declamou dois poemas de Ary dos Santos e cantou “Grândola Vila Morena” com todos os presentes.

Celebração em vários pontos do País

O núcleo do Porto também festejou o aniversário da URAP, dia 2 de Maio, num jantar comemorativo no restaurante Mundo de Luísa, na associação A Beneficência Familiar, no qual usaram da palavra Mário Esteves e Elsa Silva.

Mário Esteves, do Conselho Nacional e do núcleo do Porto, fez um balanço

da actividade da URAP nos 50 anos de vida, salientando o trabalho na construção da democracia e na preservação da memória, enfatizando o «longo processo de luta por um Museu da Resistência no Porto, no edifício onde milhares de pessoas, algumas dos quais aqui presentes, sofreram às mãos da PIDE».

Elsa Silva, por seu lado, leu uma longa saudação da FIR - Federação Internacional de Resistentes pelos 50 anos da URAP, que recorda que «há dois anos, representantes do Comité Executivo da FIR participaram nas comemorações dos 50 anos da Revolução dos Cravos, em Lisboa. Foi uma demonstração impressionante das forças antifascistas em Portugal».

Para assinalar a data, foram entregues dois ramos de cravos às duas companheiras fundadoras da URAP e mais antigas, presentes no jantar, Branca Castro e Maria José Ribeiro, ex-presa política e do Conselho Nacional.

Na Baixa da Banheira, dia 18 de Abril, Edgar Costa, do Conselho Directivo, abriu a sessão das comemorações dos 50 anos da URAP no Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira, marcada por Canções de Resistência e Luta. Saudou os artistas presentes e o núcleo da URAP da Moita, lembrou a oposição à ditadura de 1926 a 74; a resistência; a guerra colonial; o III Congresso de Aveiro; o dia 25 de Abril; a libertação dos presos políticos e o nascimento e actividade da URAP desde 1976. Destacou a criação do MUD (Movimento de Unidade Democrática) em 1945; da resistência salientou as mortes

nora 50 anos uma acção mais reforçada



Porto



Baixa da Banheira

de 30.000 presos políticos, e os horrores da guerra colonial.

Sem nunca esquecer a contribuição para a luta dos antifascistas da Moita e de Setúbal, ao falar do III Congresso da Oposição Democrática, realizado de 4 a 8 de Abril de 1973, em Aveiro, Edgar Costa destacou a figura de Mário Sacramento e o congresso como um encontro de democratas que marcou a viragem da situação política em Portugal.

A Revolução dos Cravos que chegaria a 25 de Abril de 1974 e com ela a li-

bertação dos presos políticos a 27 de Abril são os marcos da liberdade e da democracia que possibilitam a criação da URAP a 30 de Abril de 1976, como organização legal e plena de actividade que visa preservar a memória, educar civicamente a população e lutar, hoje e sempre, por um Portugal livre e democrático.

Esta iniciativa, do núcleo da URAP da Moita, contou com a presença do Vereador da Cultura da Câmara Municipal da Moita, António Pereira, e da presidente da União de Freguesias da Baixa

da Banheira e Vale da Amoreira, Ana Teresa Fernandes.

O principal objectivo da sessão, ou seja, lembrar através das canções de Resistência a importância da acção da URAP na preservação da memória e luta contra o fascismo, trouxe ao pavilhão Os Gaiteiros “Os Courelas”, Vozes da Madrugada, Coral Amizade, Jorgete Teixeira, Coral Alentejano, “O Sobreiro” Vitor Sarmento e Francisco Naia.

Medalha comemorativa da autoria de João Duarte

Para assinalar os 50 anos da sua criação, a URAP solicitou a o escultor João Duarte a criação de uma Medalha Comemorativa.

A medalha inspira-se na fundação da URAP, em 30 de Abril de 1976, por destacados resistentes antifascistas, muitos deles ex-presos políticos. Simboliza também a luta desenvolvida na construção da democracia, na preservação da memória e contra o branqueamento do fascismo. São estas as ideias-chave da medalha, onde estão incorporadas várias peças de acrílico, a primeira verde e as restantes vermelhas, representando e sugerindo geometricamente um cravo. No anverso, dentro do círculo verde com o logotipo da URAP, está escrito – 50.º aniversário e 1976-2026. No reverso no círculo de acrílico verde coloquei as grades da prisão em aço inox, simbolizando o derrube da



ditadura fascista, e em redor está escrito: «Abril, Abril Sempre! Resistir e Lutar!».

João Duarte é um dos mais consagrados medalhistas do mundo, tendo até sido distinguido em 2011, pela Sociedade Numismática dos Estados Unidos da América (EUA), com o prémio J. Sanford Saltus, considerado o “Prémio Nobel” da área da Medalhística. Nascido em Lisboa em 1952, é Professor Associado com Agregação (aposentado) na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e membro efectivo da Academia Nacional de Belas Artes. Criou 210 medalhas, assinou 19 moedas pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda, fez exposições individuais e colectivas um pouco por todo o mundo e realizou 54 monumentos públicos em Portugal. Em 2010, foi homenageado com a medalha dos 70 anos da FIDEM, pelo contributo artístico à medalhística.

«A obra pública não tem o monumento de homenagem aos presos»



Forte de Caxias, Fortaleza de Peniche, Fortaleza de S. João Baptista, Colónia Penal do Tarrafal. São estes os nomes das principais prisões políticas utilizadas pela ditadura fascista portuguesa para encarcerar mais de trinta mil pessoas ao longo dos seus quarenta e oito anos de existência. Utilizadas como forma de dissuasão, neutralização e repressão da resistência ao regime, estas prisões foram lugar – com maior ou menor intensidade – de práticas de arbitrariedade, brutalidade, violência, tortura e inclusive morte.

Pelo Forte de Caxias, utilizado como prisão política a partir de 1936, passaram mais de dez mil presos políticos. Mulheres e homens que, tal como nos restantes cárceres da ditadura, foram sujeitos a interrogatórios de uma violência avassaladora submetidos pelos agentes da PIDE, a torturas psicológicas e físicas constantes, à falta de condições de alimentação, higiene ou de cuidados médicos. E, ainda assim, a maioria destes presos enfrentou a «luta dentro da cadeia com a mesma indomável combatividade com que o faziam cá fora», recorda Francisco Miguel (1986, p.100).

A história da ditadura é por isso indissociável da história da resistência e luta pelo seu derrube. A penumbra do “Estado Novo” é composta de sombra, mas também de luz, a da coragem dos que contribuíram para a sua queda, definitivamente efectuada a 25 de Abril de 1974.

A revolução portuguesa deu início a um «processo de ressignificação do espaço público que o extirpou das evocações a efemérides e vultos do regime deposto» (Gonçalves, Pereira e Ribeiro, 2024, p.252). Este processo mantém-se até à actualidade, incluindo a construção de monumentos públicos evocativos da Guerra Colonial, de homenagem aos resistentes antifascistas, aos presos políticos ou ao 25 de Abril, entre outros. Enquadrados com frequência no campo da «memória cultural» (Gonçalves, Pereira e Ribeiro, 2024, p.253) do país, estes monumentos tomam partido das disputas existentes no quadro das políticas públicas da memória, sendo manifestos da reivindicação do direito à verdade histórica, à exigência de reconhecer publicamente a violência perpetrada pelo fascismo e de combater o silenciamento e a relativização dos seus actos.

De resto, a história da monumentalidade no tecido urbano é sempre provida de sentido político, na medida em que participa na construção da identidade social e memória colectiva das comunidades. Os monumentos são lugares de memória e a sua história tem acompanhado diferentes tendências de conceptualização política, de representação da história e de prática artística, incluindo os contextos de discussão da sua obsolescência, da possibilidade de criação de uma nova monumentalidade e, entre outras, da pertinência de práticas contra ou anti-monumentais.

O monumento de homenagem aos presos políticos de Caxias e ao 25 de Abril, que a Câmara Municipal de Oeiras vai erigir junto ao Estabelecimento Prisional de Caxias, insere-se nesta história, posicionando-se pelo reconhecimento da acção política e cívica dos combatentes pela liberdade e democracia e, simultaneamente, contribuindo para que o desvirtuamento da memória e o branqueamento da história encontrem oposição.

Trata-se de um monumento constituído por várias componentes, das quais se destacam a inscrição dos nomes de todos os presos políticos de Caxias e um painel de azulejos, da autoria da artista Graça Morais, que contempla, nas suas palavras, o sofrimento e a coragem dos que «lutaram para que fosse possível, um dia, acontecer o 25 de Abril» (Lai Men, 2026).

O projecto do painel, assim como os estudos preparatórios que integram a exposição “Graça Morais – Uma Antologia”, patente no Palácio Anjos, em Algés (Oeiras) enquadram-se na senda do trabalho plástico da artista, caracterizado pelo cruzamento das suas vivências pessoais com referências da história, da política, da religião ou da cultura. A reflexão sobre as formas de habitar o mundo e de nos posicionarmos nele – frequente no seu trabalho – encontra espaço também neste projecto.

em de ser decorativa»: os políticos de Caxias e ao 25 de Abril



De contornos figurativos, no desenho do painel convivem representações de seres humanos, animais, árvores, plantas e flores, de que são exemplo os cravos vermelhos em destaque. Convivem representações de gestos, posturas e sobretudo, de expressões faciais que comunicam angústia, tristeza, ansiedade, confiança ou força. Convivem referências à vivência, à cultura do país, à mitologia, como no contorno ténue de uma esfinge alada, ou alusões a outras figuras cuja interpretação permanece em aberto pela própria ambiguidade da figuração. Disso exemplo é a representação das cabeças mutiladas, derubadas no chão, cuja materialidade indefinida – carne, osso e sangue ou pedra, aço e betão? – as mantém no território híbrido da representação simbólica.

Neste painel, os presos políticos da prisão de Caxias surgem como vítimas que resistiram, ou seja, como aqueles que

na sombra da repressão e violência encontraram a chama da coragem para enfrentar a ditadura fascista do “Estado Novo”. A gama cromática escolhida por Graça Morais, com a prevalência do amarelo, vermelho, azul e verde, incide na representação da força e da esperança, contidas na determinação destas mulheres e homens. Por seu turno, as transparências dos corpos e a sua não literalidade extrapolam a identidade individual dos presos, abrangendo todos os que resistiram e lutaram pela queda do regime e pela democracia. Não se trata de abstractizar a homenagem, mas de a expandir a um sentido de acção colectiva. Graça Morais confirma-o, quando afirma: «Gostava muito que esta obra simbolizasse, na História humana e na História do nosso país, a passagem da escuridão para a luz» (Lai Men, 2026).

Pelo facto de se tratar de uma intervenção artística para o espaço público, há

uma dimensão do trabalho que excede a sua composição formal. Dela fazem parte as questões estruturais, como as grandes dimensões previstas e a escolha do material de edificação – azulejo –, que garante resistência e perenidade. Mas, igualmente importante, é a componente dialógica, ou seja, o tipo de relação que se deseja que a população tenha com este monumento. A este respeito, Graça Morais refere que «gostava que ele ficasse num lugar onde as pessoas se pudessem encontrar (...) porque a obra pública não tem de ser decorativa, tem de ser mais do que isso. E esta, então, tem de ser uma obra onde as pessoas possam reflectir muito sobre a vida e, neste caso, homenagear as pessoas que ajudaram a que este país lutasse contra a ditadura e pela democracia» (Morais, 2026). Um monumento que se pretende, portanto, interactivo e experienciado.

Cristina Pratas Cruzeiro
Investigadora no Instituto de História
da Arte da NOVA FCSH

Referências bibliográficas

Gonçalves, Gil; Pereira, Henrique e Ribeiro, Ana Sofia (2024) “Pôr a Revolução no lugar – as políticas de memória da democracia através dos “monumentos ao 25 de Abril” In *Práticas da História*, n.º 18: 251-297.

Lai Men, Cristina (2026) “Da escuridão para a luz.” Última obra pública de Graça Morais homenageia presos de Caxias. In *TSF*, 29 de Janeiro. Disponível em: <https://www.tsf.pt/cultura/artigo/da-escuridao-para-a-luz-ultima-obra-publica-de-graca-morais-homenageia-presos-de-caxias/18045892>

Miguel, Francisco (1986) *Das prisões à liberdade*, Coleção Resistência, edições Avante!

Morais, G. (2026) *Vídeo de apresentação do Monumento aos Presos Políticos de Caxias e ao 25 de Abril*. Produção Oeiras Valley, Município de Oeiras.

Lisboa acolhe em Novembro Congresso da FIR

A FIR convidou a URAP a acolher em Lisboa o seu próximo Congresso, que decorrerá entre os dias 6 e 8 de Novembro do corrente ano, na Escola Secundária de Camões.

Será a primeira vez que um Congresso da FIR ocorrerá em Portugal, este com a particularidade de se realizar no ano do 50.º aniversário da fundação da URAP, facto que está na origem do convite da FIR, demonstrativo da consideração que a

FIR tem pelo trabalho da URAP ao longo destas cinco décadas, na defesa da memória da resistência contra a opressão, pela liberdade e a democracia, contra o esquecimento e o branqueamento do fascismo e seus crimes, o reaparecimento de ideias e práticas antidemocráticas, racistas e xenófobas, contrárias à Constituição da República Portuguesa e aos direitos inscritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos.



Viagem ao Tarrafal

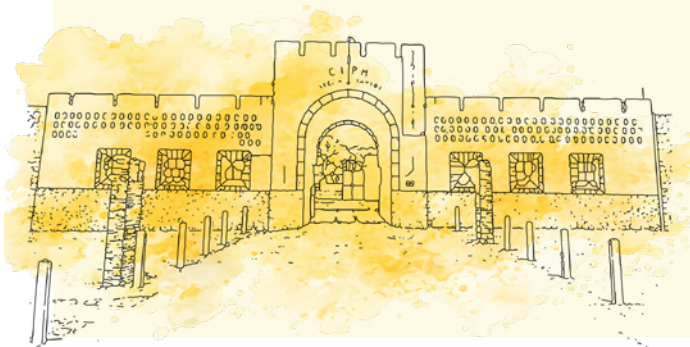
A URAP realiza entre 24 e 31 de Outubro uma viagem de resistência e lazer a Cabo Verde e ao Tarrafal. Será uma importante jornada de homenagem e evocação a todos os tarrafalistas, portugueses ou membros dos movimentos de libertação das então colónias portuguesas.

Do programa constam visitas ao Forte de Filipe, à Cidade Velha na cidade da Praia, à Biblioteca Nacional, ao monumento a Amílcar Cabral e à Fundação Pedro Pires. Para além destas e outras visitas, o ponto alto da jornada será a visita ao Campo de Concentração do Tarrafal e as iniciativas evocativas dos 90 anos da abertura do Campo. Haverá também a oportunidade de visitar a deslumbrante Ilha do Fogo. A viagem tem o apoio logístico da Associação Rotas Vermelhas.

*Vamos celebrar
em festa 50 anos de
empenhada actividade
antifascista*



A URAP promove a 26 de Setembro, sábado, um concerto comemorativo dos 50 anos da sua fundação. Está prevista a participação da Brigada Victor Jara e do Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música, momentos de poesia e a intervenção do Coordenador Nacional da URAP, José Pedro Soares. O concerto terá lugar às 15h30 no salão principal d'A Voz do Operário, em Lisboa.



Regulariza a tua quota, apoia a actividade da URAP

A situação do País e do Mundo exige da URAP uma forte e coerente intervenção de resistência antifascista. Para uma melhor e mais reforçada intervenção da URAP é necessário melhorar o trabalho organizativo e na área dos fundos. A todos os sócios da URAP está colocado o desafio de regularização das quotas para que o novo ano se inicie com forte actividade.

O NIB da URAP é o seguinte: 0007 0021 0014 3750 00653



WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses
www.instagram.com/urap_resistentes.antifascistas

